Simão, o Negro, Lúcio de Cirene, Manaém

I

O capítulo XIII dos Atos dos Apóstolos começa assim:

> *HAVIA pois na igreja, que era de Antioquia varios profetas, e doutores, entr'elles Barnabé, e Simão, que tinha por appellido o Negro, e Lucio de Cyrene, e Manahen, o qual era collaço de Herodes o tetrarca, e Saulo.*

> *A tempo porém que elles ofereciam o sacrifício ao Senhor, e jejuavão, disse-lhes o Espírito Santo: Separai-me a Saulo, e a Barnabé, para a obra a que eu os hei destinado. Depois que jejuárao, e orárao, e lhes impozerão a mãos, os despediráo.*

II

Não falaremos de são Barnabé, cuja vida, ligada por longo tempo à de são Paulo, nos é suficientemente conhecida pela Biografia precedente.[1]

Não se encontra na história nem a origem, nem a condição, nem a profissão, nem a vida, nem a morte de SIMÃO, O NEGRO. Segundo a tradição conservada por são Doroteu, mártir, foi bispo de Bosra, na Iduméia.

Essa região, limítrofe da Palestina, era habitada pelos idumeus ou edomitas, descendentes de Esaú. Estendia-se ao norte do mar Vermelho e ao sul do mar Morto. Sua capital era Bosra, que quer dizer cidade fortificada, visto que estava edificada sobre uma montanha rochosa.

III

Os idumeus possuíam no mar Vermelho dois portos célebres, que passaram à posse de Davi quando conquistou o país: eram Elat e Asiongaber. Deste último porto partiam as frotas de Hirão e de Salomão para ir buscar o ouro de Ofir, que muitos creem ter sido o Peru. A duração de cada viagem, que era de três anos, é uma das razões em que apoiam seu parecer.[2]

IV

O nome de Bosra figura com brilho na magnífica passagem em que o mais eloquente dos Profetas, Isaías, pinta os triunfos do Messias:

> *Quem he este, que vem de Edom, de Bosra, com as vestiduras tingidas? este fermoso em seu trajo, que caminha na multidão da sua fortaleza. Eu, que fallo a justiça, e que sou o combatente para salvar.*

> *Porque he logo vermelho o teu vestido, e as tuas roupas como as dos que pisão n'hum lagar? Eu calquei o lagar sozinho, e das gentes não se acha homem algum comigo, eu os pisei no meu furor, e os pisei aos pés na minha ira: e o seu sangue veio salpicar os meus vestidos, e eu manchei todas as minhas roupas.*[3]

Nesse poético diálogo, Edom e Bosra são tomados pelo mundo pagão, com Roma, sua capital, que Nosso Senhor veio, ao preço de seu sangue e do sangue de seus mártires, libertar da tirania do demônio.

V

Simão é apelidado o Negro por causa da cor de sua pele. Era de raça africana? Nada o impede. Por um lado, o eunuco da rainha da Etiópia era dessa raça e dessa cor; por outro, Nosso Senhor viera chamar ao benefício do Evangelho todos os homens, sem distinção de cor e de raça.

Seja como for, para que são Lucas, em sua rápida narração, tenha feito menção de Simão, o Negro, é preciso que tenha sido um dos homens mais consideráveis da Igreja primitiva. Como seus colegas de Antioquia, dotado do dom de profecia, não somente explicava autenticamente as divinas Escrituras, mas ainda anunciava, como Agabo, as coisas futuras que diziam respeito ao mundo e principalmente à Igreja.

Quais foram essas profecias? Ignoramo-lo; contentemo-nos em saber que tiveram por fim a glória de Deus e tiremos daí esta conclusão: todas as nossas obras devem tender ao mesmo fim.

VI

Lúcio de Cirene, que se achava em Antioquia com Simão, o Negro, não nos é muito mais conhecido. A 6 de maio, o Martirológio Romano fala dele nestes termos:

> *Em Cirene, são Lúcio, bispo, de quem são Lucas faz menção nos Atos dos Apóstolos.*

Vários hagiógrafos, entre outros o sábio bispo de Equílio, Pedro de Natalibus, dizem que foi ordenado pelos Apóstolos primeiro bispo de Cirene, uma das cidades da Pentápole da Líbia.

VII

A antiga Líbia, hoje reino de Barca, era uma vasta região da África, que contava cinco cidades principais, donde o nome de Pentápole. Esse país dos leões e das panteras estende-se ao longo do Mediterrâneo e na regência de Trípoli. A parte ocidental é bastante fértil; mas o interior é um vasto deserto que se confunde, ao Sul, com o grande deserto do Saara.[4]

VIII

Vê-se que, desde a origem, o Evangelho penetrou em todas as partes do mundo. Os Apóstolos da boa nova são sempre os mesmos. Nem as distâncias, nem os gelos do Norte, nem os calores ardentes do Sul, nem os leões, nem as feras, nem os mares de areia, nem as tribos selvagens, por vezes mais ferozes que os tigres, nada os detém. Nas pegadas de são Lúcio, ainda hoje nossos missionários vão acender nessa terrível África o facho da fé. Digamos de são Lúcio o que dissemos de Simão, o Negro: foi, entre tantos outros, um dos personagens ilustres da Igreja primitiva.

IX

MANAÉM, irmão de leite de Herodes, o Tetrarca, é talvez ainda mais ilustre. Não é em vão que são Lucas nos ensina que era irmão de leite de Herodes, o Tetrarca. Quis fazer saber à posteridade que Manaém era de grande família e que o Evangelho recrutava seus discípulos não somente entre os pobres, mas também entre os ricos, embora uns fossem menos numerosos que outros, segundo a palavra de são Paulo: *«não muitos poderosos, não muitos nobres»* (*non multi potentes, non multi nobiles*).

X

O historiador Josefo refere que o pai de Manaém era essênio. No tempo de Nosso Senhor florescia na Palestina, ao lado dos fariseus, dos saduceus e dos herodianos, a seita dos essênios. Compunha-se de homens de conduta geralmente irrepreensível. Moravam nas aldeias e evitavam as cidades, por causa da imoralidade que ordinariamente reina entre os habitantes.

XI

Cultivavam a terra, criavam gado e levavam uma vida eminentemente prática. Criam na existência de Deus, na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras. Só tinham por reveladas as obras de Moisés, que interpretavam à sua maneira, contando com a assistência do Espírito Santo.

XII

Não ofereciam sacrifícios no templo de Jerusalém, porque tinham, diziam, um culto mais santo. Evitavam os prazeres dos sentidos como um mal e se abstinham até do matrimônio. Para perpetuar-se, adotavam filhos estrangeiros, quando estes ainda eram suscetíveis de instrução, e faziam deles seus discípulos.

Havia, contudo, uma segunda classe de essênios que, totalmente de acordo em sua vida, usos e leis com os primeiros, deles se separavam quanto ao matrimônio. A essa segunda classe pertencia o pai de Manaém.

XIII

Eis, segundo Josefo, qual foi a origem de sua fortuna. Tendo encontrado o velho Herodes quando este ainda era criança e ia à escola, predisse-lhe que um dia seria rei. Esse lisonjeiro anúncio lhe mereceu os favores do príncipe. Nomeado presidente do Sinédrio antes de Hilel, partilhou mais tarde, por algum tempo, com este o sumo pontificado, mas não tardou a retirar-se do grande conselho; abandonou até a seita dos essênios para passar ao partido do rei.

XIV

Como gozava de crédito considerável, Herodes, reconhecido por seus serviços, fez educar seu filho com seus próprios filhos. Com efeito, era costume na Antiguidade, como se vê pela história de Sesóstris e de Ciro, que os filhos das famílias nobres fossem educados com os dos reis. Assim o jovem Manaém seguira a corte de Herodes na Galileia e se ligara intimamente a ele, como a seu companheiro de infância. Mas, na época da morte de são João Batista, deixou a corte para tornar-se discípulo do Salvador.

XV

Em razão de seu nascimento e de sua intimidade com Herodes, o jovem Manaém podia esperar grande fortuna e brilhante posição na terra. Preferiu a pobreza e a cruz de Jesus e apegou-se generosamente ao seu serviço. O doutorado cristão a que foi elevado correspondia ao que os judeus chamavam a dignidade de rabi ou de mestre na sinagoga.

XVI

Nessa qualidade, presidia às assembleias cristãs. Desde então, os numerosos discípulos do Evangelho tinham lugares de reunião nas grandes cidades, sobretudo em Antioquia. Manaém continuou a governar a florescente Igreja dessa cidade, sob a dependência, porém, de são Pedro, de santo Evódio, de santo Inácio, que foram seus primeiros bispos, o que não o impedia de ir, com os outros discípulos, anunciar nas regiões vizinhas o reino de Deus.

XVII

Terminadas as suas correrias evangélicas, voltava a Antioquia, onde morreu em paz depois de cumprir fielmente as funções de seu apostolado. A data de sua bem-aventurada morte é incerta; mas o Martirológio Romano faz menção dele a 24 de maio:

> *Em Antioquia, santo Manaém, irmão de leite de Herodes, o Tetrarca, doutor e profeta da lei de graça, morto nessa mesma cidade.*

Se essa ilustre testemunha do Salvador não derramou o seu sangue para confirmar o testemunho, é que lhe terá faltado a ocasião do martírio. O sacrifício que fez de sua magnífica fortuna e de sua considerável posição no século vale aqui o testemunho de sangue.

XVIII

No texto dos Atos que citamos, diz-se que Simão, chamado o Negro, Lúcio de Cirene e Manaém oraram, jejuaram e impuseram as mãos a Paulo e a Barnabé, que deixaram partir. Todas essas circunstâncias, minuciosamente lembradas, fazem crer que se trata de uma ordenação, ou antes, de uma consagração episcopal. Tal é o sentimento dos mais sábios comentadores da Escritura.

XIX

Não se vê em parte alguma, exceto nessa circunstância, que são Paulo e são Barnabé tenham recebido a consagração episcopal. Assim, depois do fato de Antioquia, vemo-los imediatamente exercer a autoridade dos bispos, estabelecendo sacerdotes nas cidades por onde passavam.

Segundo Barônio, essa ordenação teve lugar no ano 45 de Nosso Senhor, em que são Paulo fora arrebatado ao terceiro céu: com efeito, convinha que Paulo, no momento de tornar-se o doutor das nações, fosse elevado ao céu e dele descesse como Moisés do alto do Sinai e, como último retoque de sua missão, recebesse a consagração episcopal.[5]

XX

Resulta que os três personagens cuja biografia acabamos de esboçar eram bispos; pois, para fazer um bispo, são necessários bispos. Notemos de passagem quanto são veneráveis as cerimônias de nossas ordenações. O Santo Sacrifício, os jejuns, as orações, a imposição das mãos, praticados hoje, já estavam em uso nos primeiros dias da Igreja nascente.

Esses preciosos pormenores nos revelam ainda a eminente santidade daqueles que foram escolhidos pelo próprio Espírito Santo para serem os consagradores de são Paulo e de são Barnabé e lhes dar a missão evangélica.

XXI

Filhos dos santos e dos mártires, seja nosso único estudo caminhar nas pegadas de nossos pais. Apesar das zombarias sacrílegas da ignorância e da incredulidade, respeitemos tudo o que faz a santa Igreja, nossa mãe, lembrando a palavra de santa Teresa: *«Eu me deixaria cortar o pescoço pela menor cerimônia da Igreja.»*[6]

Notas

[1] Hoje, 3 de março de 1876, retomo meu trabalho biográfico, interrompido em 25 de janeiro de 1876 pela morte de minha bem-amada irmã Eleonora, falecida em Fuans (Doubs). Peço para ela uma Ave-Maria às pessoas que lerem esta Biografia.

[2] Ver uma longa e douta dissertação de Bivar nas *Crônicas* de L. Dexter, an. 66, n. 22.

[3] *Quis est hic qui venit de Edom, tinctis vestibus de Bosra? Iste formosus in stola sua, gradiens in multitudine fortitudinis suæ*, etc. Is, LXIII, 1.

[4] Era da Líbia que os romanos tiravam em grande parte essas multidões verdadeiramente incríveis de animais ferozes para os jogos do anfiteatro. Nos que Pompeu deu ao povo, fez aparecer quinhentos leões. Hoje fala-se em inundar o deserto da Líbia, fazendo chegar até ele as águas do Mediterrâneo.

[5] *Nusquam legimus Paulum et Barnabam ordinatos fuisse episcopos nisi hic.* («Em parte alguma lemos que Paulo e Barnabé tenham sido ordenados bispos senão aqui.») Cor. a Lap., *in Act.* xiii, 3.

[6] Ver: Sepp, *Vie de J.-C.*, t. I, p. 482; M. Maistre, *les Témoins du Christ*, p. 148, 296, 305; Petrus a Natalib., *Catalog. SS.*, lib. V, c. 34; Josefo, *Antiq. Jud.*, lib. XV; D. Calmet, *Dict. de la Bible*; *Encyclop. théolog.*, art. *Esséniens*; Cor. a Lap., *in Act. App.*, c. xii, 1 a 3; Baron., *App.*, iv, n. 11; id. p. 14, n. 58; id. an. 64, n. 516, 8, 10, etc., etc.

Revision #1
Created 27 November 2026 01:05:40 by Admin
Updated 27 November 2026 01:05:40 by Admin